

**Universidade Técnica de Lisboa**  
**INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO**

**Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional**

**O Papel da Mulher no Microcrédito na Guiné-Bissau – Estudo de  
Caso em Pitche e em Pirada**

Cátia Sofia Nobre Lopes

**Orientação** - Professora Doutora Iolanda Évora

**Lisboa, Setembro de 2011**

## Dedicatória

*Ao meu pai.*

## **Agradecimentos**

Um agradecimento especial à minha mãe, sempre preocupada e atenta, tornando-se sem se aperceber, um porto seguro nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão Wilson, pela preocupação e incentivo à conclusão.

Agradeço à Professora Iolanda Évora, pela ajuda e orientação prestada para a elaboração deste trabalho.

Agradeço também a todas as pessoas que me apoiaram na Guiné-Bissau, de modo a conseguir todas as informações necessárias para a realização deste trabalho, em especial, as mulheres beneficiárias do projecto, Samba Embalo, Braima Baldé e Eupremio Scarpa.

Às entidades que me apoiaram com o fornecimento de dados, ISU e DIVUTEC.

Ao David, por fazer parte da minha vida, permitindo-me a si recorrer durante a realização deste trabalho.

Aos meus familiares, amigos, isuítas e colegas de mestrado, que acreditaram em mim e que me apoiaram com palavras de incentivo e disponibilidade para ajudar no que fosse necessário. Um agradecimento especial à Inês e à Leonor.

Aos citados e a todos aqueles que directamente ou indirectamente, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

## Resumo

A dissertação pretende abordar a temática do Papel da Mulher no Microcrédito na Guiné-Bissau: É uma vantagem esta ser a figura central neste processo?

Mais de metade da população guineense é composta por mulheres, que desempenham um papel fundamental na tradição familiar. As mulheres são responsáveis pela família e gestão da casa, educação dos filhos e muitas vezes executoras de actividades económicas tais como a agricultura ou a pesca. São simultaneamente agentes de educação e agentes económicos. No entanto, as mulheres representam um grupo muito fragilizado, mais vulnerável e propenso à pobreza, pelo que são necessárias medidas para diminuir essa realidade e torná-las agentes económicos e com poder social. Assim o principal objectivo desta dissertação é mostrar como o papel da mulher é fulcral numa das medidas a ser implementadas para essa mudança, que é o processo de atribuição de microcréditos às comunidades com menos acessos a recursos, na Guiné-Bissau. Demonstrando as funções e os papéis sociais da mulher no processo de microcrédito, será possível entender a vantagem da mesma no sucesso deste sistema.

**Palavras-chave:** microcrédito, mulheres, género, Guiné-Bissau.

## **Abstract**

This dissertation aims to address of the Role of Women with regards to Microcredit in Guinea-Bissau. Questioning whether it is advantageous to be the central figure within this process?

More than half of the Guinean population consists of women, who play a key role in the family tradition. Women are responsible for the management of both family and home, educating their children and often executing economic activities such as agriculture or fishing. They are both educational and economical agents. However, women represent a very fragile, vulnerable part of the population. Political policies are needed to assist women to take their rightful place with society, both economically and socially. Thus the main objective of dissertation is to show how the role of women is one of the key measures to be implemented for this change, by allocating microcredits to communities with less access to various resources in Guinea-Bissau. Demonstrating the functions and roles of women in micro processes, we can understand the advantage of providing women with much needed capital to enhance both themselves and their respective communities.

**Key-words:** microcredit, women, gender, Guinea-Bissau.

## Índice

Introdução.....	10
Parte I – Contextualização Teórica .....	13
1 - Pobreza .....	13
2 - Género .....	16
3 - Microcrédito .....	19
3.1 – Microcrédito e as mulheres .....	22
4 – Guiné-Bissau .....	23
4.1 – Breve contextualização da Guiné-Bissau .....	23
4.2 – Pobreza na Guiné-Bissau .....	25
4.3 – Sectores de Pitche e de Pirada .....	28
Parte II – A mulher na sociedade guineense.....	29
Parte III – Papel da mulher no microcrédito na Guiné-Bissau.....	32
1 – Estudo de caso: Projecto de Luta Contra a Pobreza através do Microcrédito - Pitche e Pirada .....	32
2 – As beneficiárias de microcrédito .....	34
3 – Papel e vantagens .....	41
Considerações Finais .....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Anexos.....	49

## Lista de Quadros e Figuras

### Quadros

Quadro 1 – Pobreza Monetária .....	25
Quadro 2 – População da Guiné-Bissau.....	26
Quadro 1 – Grupos de Entrevistados .....	36

### Figuras

Figura 1 – Mapa da Guiné-Bissau.....	24
--------------------------------------	----

## Lista de Acrónimos

AGR – Actividades Geradora de Rendimento

BM – Banco Mundial

DENARP – Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza

DIVUTEC – Associação Guineense de Estudos e Divulgação de Tecnologias  
Apropriadas

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

ILAP - Inquérito Ligeiro sobre a Avaliação da Pobreza

IPH – Índice de Pobreza Humana

ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária

ODM – Objectivos do Desenvolvimento do Milénio

OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development

ONG – Organização Não Governamental

ONGD – Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

PIB – Produto Interno Bruto

PLPC – Projecto de Luta Contra a Pobreza

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento



*A função da mulher no microcrédito, é honrar o compromisso que lhe foi atribuído e têm conseguido fazê-lo.*

Testemunho de mulher entrevistada, 2011

## Introdução

O papel da mulher e a importância da sua participação social é fundamental para o estudo da pobreza. Sendo o microcrédito uma das medidas para a luta contra a pobreza, o reconhecimento do papel da mulher e da sua importância no microcrédito é importante para a emancipação das mesmas.

A nível mundial, o peso de intervenção da mulher tem aumentado no desenvolvimento, na mudança de paradigmas sociais e na mudança de mentalidades. O continente africano não foge à regra e a nível social, as mulheres começam a assumir novos papéis, quer nas relações familiares, quer a nível das comunidades, quer a nível mais alargado na sociedade, surgindo com isso, uma redefinição dos papéis de género. Num Relatório do antigo Secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, sobre o papel das Nações Unidas no século XXI, a África ao sul do Sara é referida como uma parte do mundo onde é necessária a cooperação para o desenvolvimento com uma ênfase especial no reconhecimento do papel da mulher, pois é onde as mesmas têm maiores lacunas a nível socioeconómico (Ferro, 2001). Portanto este tema (papel da mulher no desenvolvimento e na mudança social nas sociedades) alargou-se para os assuntos internacionais e passou também a ser discutido pelas altas entidades mundiais.

Perceber o papel da mulher no microcrédito na Guiné-Bissau, descrevendo a sua função no mesmo e consequente vantagens, é o objectivo deste trabalho. Desta forma na primeira parte, são abordados do ponto de vista conceptual, temas relacionados com o objectivo, a pobreza, o género, o sistema alternativo de financiamento e o sistema de microcrédito, isto porque estes temas ajudam a contextualizar o novo papel da mulher, a necessidade desta ter obtido um novo papel e como este tem surgido. Na segunda parte, é apresentado o Estudo de Caso, um projecto de cooperação para o

desenvolvimento, sobre o microcrédito, como forma de luta contra a pobreza na Guiné-Bissau promovido por duas Organizações Não Governamentais.

Na terceira parte é discutida o papel da mulher no microcrédito, suas funções e vantagens, tendo como base, a recolha de dados e a análise dos resultados do trabalho de campo. Por último expõem-se algumas considerações finais, com uma interacção entre os conceitos e retoma-se o problema central com respostas ao problema colocado, mediante os resultados demonstrados no desenvolvimento deste trabalho.

O interesse por este tema surge em sequência de várias visitas realizadas à Guiné-Bissau, em contexto profissional e devido à actividade profissional numa Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), uma das entidades promotoras de projectos de microcrédito na Guiné-Bissau. Este país suscitou também um interesse pessoal e uma vontade de ir aprofundando conhecimentos sobre o mesmo.

O Microcrédito insurge como um mecanismo de luta contra a pobreza, que neste trabalho é abordado numa perspectiva de “caminho” a seguir. Dentro do sistema de microcrédito, surge um tema complexo, que é o papel da mulher neste sistema, que será o problema central deste trabalho. O facto de trabalhar numa ONGD, que efectua Projectos de Cooperação para o Desenvolvimento, neste campo, trouxe uma visão mais alargada e talvez mais crítica sobre esse papel, tornando-se essencial reflectir aprofundadamente e escrever sobre o mesmo.

Uma das modalidades de pesquisa utilizada foi qualitativa, através das entrevistas semi-estruturadas realizadas às mulheres do sector de Pitche e de Pirada. Optou-se por este formato, tendo em conta o facto de este estudo conter uma componente de verificação e uma componente de exploração, sendo o objecto de análise o papel da mulher num método de luta contra a pobreza, o microcrédito. Foi aplicado um guião de entrevista previamente definido, mas num contexto semelhante a uma conversa informal, de modo a permitir um

ambiente espontâneo e aberto, passível de abordar aspectos valorativos e afectivos dos entrevistados para que fornecessem o seu ponto de vista livremente, facultando desta forma maior utilidade às entrevistas. Não obstante, a realização das mesmas revelou-se uma tarefa complicada na prática. Como realizar uma viagem à Guiné-Bissau tendo em conta entraves financeiros e temporais? Estando na Guiné-Bissau, como encontrar as mulheres beneficiárias de microcrédito, no âmbito daquele projecto<sup>1</sup> em específico, acontecido há sete anos atrás? Estando com essas mulheres, como encontrar equivalentes – a nível de linguagem<sup>2</sup> e conceitos - e garantir uma compreensão mútua? Apesar dessas dificuldades, esta investigação foi positiva, na medida em que as mulheres entrevistadas e os técnicos da Organização Não Governamental (ONG) responsável pelo projecto mostraram-se sempre disponíveis para apoiar na concretização deste estudo; foi possível realizar um número de entrevistas adequadas e recolher os dados necessários para o estudo.

Outros métodos de investigação utilizados foram a observação directa durante a investigação de campo, bem como as conversas informais efectuadas com pessoas ligadas ao microcrédito. De modo a conseguir um maior aprofundamento teórico, dentro dos limites desta dissertação, recorreu-se a consultas bibliográficas e documentais de fonte primária e secundária - obras, revistas, jornais, boletins informativos, relatórios, sites e outros documentos considerados úteis. A recolha de dados estatísticos desagregados em função de género, foi um desafio, pois a maior parte das variáveis não estão separadas para mulheres e homens, e as que estão não têm dados disponíveis para parte dos Países em Desenvolvimento (PED), nomeadamente a Guiné-Bissau. Veja-se por exemplo variáveis como, *mulheres com emprego assalariado no sector agrícola, mulheres que trabalham no sector terciário ou mulheres em empregos vulneráveis*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Projecto utilizado como estudo de caso na dissertação e abordado na Parte II do trabalho.

<sup>2</sup> As entrevistas foram realizadas em crioulo da Guiné-Bissau. Algumas em Fula, tendo sido nestas, necessário recorrer a um tradutor.

<sup>3</sup> Variáveis recolhidas no World Development Indicators 2011.

## Parte I – Contextualização Teórica

### 1 - Pobreza

Vários são os autores que estudaram o fenómeno da pobreza e o seu conceito. Diversas questões foram levantadas e abordadas, tendo-se chegado à conclusão que se trata de mais um conceito complexo e sem um consenso universal (Pereira: 2000). O factor consensual, é que se trata de um fenómeno pluridimensional, e que para se obter afirmações mais fidedignas deve ser definida ao nível do indivíduo, do agregado familiar, da comunidade, ou do país, pois trata-se de aspectos que definem a pobreza de forma singular.

O International Labour Office inicialmente assentou a ideia que o nível de satisfação das pessoas dependia da satisfação das necessidades básicas. Segundo o seu relatório, *Employment, Growth and Basic Needs*, as necessidades básicas primeiro incluem: alimentação adequada, habitação e vestuário e em segundo incluem água potável, saneamento, transporte público, saúde e instalações educacionais (ILO, 1977). Desta forma as pessoas conseguem sair da pobreza quantitativa, ou seja abaixo da linha de pobreza. De uma forma quantitativa as pessoas são consideradas muito pobres se viverem com menos de 1US\$ por dia e pobres se viverem como menos de 2US\$ dólares por dia (*idem*).

Rowntree classifica a pobreza por primária e secundária. Na primária trata-se de “Famílias cujos rendimentos totais são insuficientes para obter o mínimo necessário para a manutenção de mera eficiência física”. Na pobreza secundária são “Famílias cujos rendimentos totais seriam suficientes para obter o mínimo necessário para a manutenção de mera eficiência física, se não tivessem que gastar partes desses rendimentos noutras despesas úteis ou não” (Rowntree,1901:86-87).

Para Townsend, as pessoas estão privadas de forma relativa, se não

conseguirem ter condições de vida que lhes permita: i) manter uma dieta calórica considerada suficiente; ii) usufruir de serviços que lhes permitam desempenhar as suas funções; iii) conseguir manter relacionamentos sociais e iv) manter um padrão de vida que lhe permita exercer comportamentos, enquanto membro da sociedade. Se não têm ou lhes é negada a forma para ter essas condições de vida, então são consideradas pobres. “People are relatively deprived if they cannot obtain, at all or sufficiently, the conditions of life – that is, the diets, amenities, standards and services – which allow them to play the roles, participate in the relationships and follow the customary behavior which is expected of them by virtue of their membership of society” (Townsend, 1993:36).

Amartya Sen no seu estudo sobre as grandes fomes, chegou à conclusão que o problema alimentar não tem que ver com o ter ou não ter alimentos, mas sim com as capacidades em se conseguir adquirir o bem. Tal acontece quando há privação de capacidades por falta de liberdade de escolhas e por falta de acesso às mesmas (Sen, 1992). Justificou também a concepção de pobreza segundo as potencialidades, em oposição à concepção de pobreza apenas naquela baseada no rendimento. Demonstrou três grandes aspectos: a identificação da pobreza, através da carência de potencialidades; a existência dessa carência de potencialidades e a relação entre baixo rendimento e potencialidade reduzida varia entre, as comunidades, as famílias e os indivíduos (Sen, 1999).

Ao longo dos tempos e de uma forma geral o conceito de pobreza foi conceptualizado por diversas abordagens. De Rowntree a Sen, passando por Townsend, o conceito iniciou com uma abordagem mais centrada na subsistência, passando para a privação relativa e chegando às capacidades introduzindo a questão qualitativa.

Narayan et al., demonstraram no seu estudo “Voices of the poor, Can anyone hear us?” a visão da pobreza segundo os pobres. Estas “vozes” foram

incluídas no Relatório do Desenvolvimento Mundial de 2001, tendo sido este estudo financiado pelo Banco Mundial. Uma das “vozes” indica que “*Poverty is humiliation, the sense of being dependent, and of being forced to accept rudeness, insults, and indifference when we seek help*” (Latvia in Narayan et al., 2000).

Para os pobres, a pobreza tem a componente do bem-estar material (*material well-being*), falta de alimentos e uma casa; implica aspectos psicológicos (*psychological aspects*), falta de voz, poder e dependências que os submetem a explorações - angústia, humilhação e insegurança; implica a ausência de infra-estruturas básicas (*basic infrastructure*), estradas, principalmente em zonas rurais, transportes e falta de acesso a água potável e gera mais doenças, devido à falta de cuidados de saúde que têm devido aos custos (Narayan et al., 2000).

Nos dias de hoje a pobreza é vista como um fenómeno que está presente em países desenvolvidos e países em desenvolvimento, apesar de mais incisivo nestes últimos; que implica falta de acesso a ter e ser; implica a privação de capacidades e liberdade de escolha para atingir o bem-estar e atinge maioritariamente as mulheres. A pobreza no feminino começou por ser introduzida na conceptualização teórica, com Diana Pierce em 1978, com a abordagem à *feminização da pobreza*, demonstrando que o fenómeno da pobreza agudizava-se nas mulheres (Pereirinha et. al, 2008). A pobreza no feminino, além dos aspectos que caracterizam a pobreza no seu todo, diferencia-se pelas especificidades associadas à mulher, apresentadas na Parte II.

Na IV Conferência Mundial sobre as Mulheres, organizada pelas Nações Unidas em 1995, foi reconhecida a existência de uma temática crítica, *a pobreza nas mulheres*, com base na Plataforma da Acção de Pequim. Esta Plataforma apresentou uma definição de pobreza no feminino, que permite compreender o quão esta é complexa e multidimensional. Sendo manifestações de pobreza feminina, a carência de rendimentos e de recursos produtivos e a falta de participação nos processos de tomada de decisão e de exercício de cidadania activa. Caracteriza-se como uma falta de recursos materiais e imateriais e a falta

de dimensões de bem-estar como: educação e formação, saúde, habitação, mercado de trabalho, recursos económicos, protecção social, família, segurança e participação social (Pereirinha et al., 2008). Sendo assim, a pobreza no feminino aponta para três perspectivas de pobreza, proporcionando uma visão mais alargada. Em primeiro a pobreza monetária, centrada na variável rendimento, como indicador. O segundo conceito é a privação, sendo as mulheres consideradas pobres, porque se encontram num estado de privação face a um mínimo de necessidades e bem-estar considerado aceitável para se viver na sua sociedade. E um terceiro relacionado com a sua opinião sobre o grau de privação relativamente à situação considerada desejável em termos de bem-estar e à sua liberdade de escolha (*idem*). Mediante estas perspectivas, persistir com a tendência em nivelar a mulher pobre (e os pobres em geral), apenas ao nível da pobreza monetária, converte-se numa visão demasiado redutora.

## 2 - Género

As referências ao género reportam-se a abordagens aos papéis sociais, às representações e às identidades que são construídas pelos seres humanos, a partir da sua concepção do que é o masculino e o feminino. Esta diferenciação baseia-se em aspectos que distinguem ambos os sexos, a partir da qual se faz a atribuição de papéis nas sociedades e como se relacionam entre si. Na perspectiva de Reeves e Baden, o género demonstra como a biologia da pessoa é culturalmente valorizada. As relações hierárquicas entre mulheres e homens, com base no género são socialmente construídas, fornecendo papéis e responsabilidades diferentes a cada um, que variam conforme cada cultura (Reeves e Baden, 2000).

O género é um conceito de cariz social, difundido após 1980, e que evidencia a evolução dos papéis das mulheres e dos homens, segundo aspectos



sociais, culturais e económicos, além do sexo (enquanto diferenciador biológico). Refere-se às relações sociais entre homens e mulheres, homens e homens e mulheres e mulheres; isto é, refere-se às diferenças de oportunidades, papéis, regalias entre o homem e a mulher. Esta tipologia de relação de género não é natural, é criada pela sociedade, dependendo do contexto onde se desenvolve e da ligação à educação, cultura, política e economia (Magalhães, 2009).

As mulheres não dispõem dos mesmos recursos, direitos, acessos e opções que os homens, existindo e persistindo uma desvalorização das mulheres a nível sócio-económico e político.<sup>4</sup> No sentido de promover a luta contra a desigualdade de género, têm sido fomentadas conferências, convenções, tratados, regulamentos, directivas, decisões bem como definidos e criados instrumentos da perspectiva de género.<sup>5</sup> Os Objectivos de Desenvolvimento do Millennium (ODM) também contemplam o género como uma das áreas a intervir, nomeadamente com o terceiro objectivo “Promover a igualdade de género e empoderar as mulheres”, sendo que os oito objectivos estão todos interligados e todos de alguma forma, vão ao encontro da promoção da igualdade de género (UNDP, 2006).

Mais de metade da população guineense é composta por mulheres (50,5%), e desempenham um papel fundamental na gestão da vida doméstica; isto é, são responsáveis pela família, gestão da casa, reprodutoras e cuidados com as crianças. A sua maioria é responsável e realiza actividades económicas nos sectores da agricultura, pesca e comércio informal<sup>6</sup>. Desta forma são agentes de educação e agentes económicas simultaneamente. No entanto, as mulheres representam um segmento populacional carenciado, sobretudo a três níveis: alfabetização, competências técnicas e capacidade de organização (ISU, 2003).

---

<sup>4</sup> É a mulher quem está a ser desvalorizada, contudo, a desigualdade de género em termos conceptuais, é evidente quando aplicada tanto ao homem, como à mulher.

<sup>5</sup> Para uma maior contextualização sobre o conceito de Género, ver Sarah Longwe, Ester Boserup, Caroline Moser, Teresita de Barbieri e Diana Handem.

<sup>6</sup> Informação recolhida em conversas informais, anotada em diário de campo.

Como visto anteriormente a pobreza afecta particularmente as mulheres, sendo outra dimensão e causa a salientar a ausência de poder. A falta de poder das mulheres para sair da pobreza, é maior do que nos pobres em geral, pois a ela falta-lhe ainda mais poder, poder que não consegue aceder devido a factores sociais. Conforme referido, as mulheres são responsáveis e executoras de actividade económicas, porém regra geral, acabam por não gerir os rendimentos destas actividades. O facto de terem que entregar estes rendimentos aos maridos, perdendo o poder de decidir onde este irá ser aplicado, retira-lhe poder. Neste caso, o termo poder, não está estritamente relacionado ao poder político, Schneider explica a utilização deste termo como “os pobres frequentemente não têm os meios, que são a base do poder num sentido lato, para sair da pobreza. Estes meios incluem conhecimento, educação, organização, direitos e “voz” (Schneider *in* Pereira, 2005:278).

O relatório do CIDA indica que o empoderamento é um processo colectivo, social e político, mas também individual, no qual cada um deve obter um controle sobre as suas vidas. Tornando-se também um resultado, em que as pessoas podem definir as suas ocupações como pretenderem, ganhar habilidades, obter auto-confiança e auto-suficiência, conseguindo com tudo isso resolver os seus problemas. (CIDA, 2010). No entanto, este empoderamento é menos visível nas camadas mais pobres das sociedades, especialmente nas mulheres.

### **3 - Microcrédito**

Segundo Friedmann, uma das respostas à pobreza é o Desenvolvimento Alternativo. Para o autor, este tem como objectivo “humanizar um sistema que o exclui [o pobre] e conseguir isto através de formas de resistência diária e de luta política, que insistam nos direitos da população como seres humanos, cidadãos e pessoas, e procuram compreender os seus poderes criativos por dentro.” (Friedmann, 1996:13). O desenvolvimento alternativo recorre a uma abordagem centrada nas pessoas e nos recursos que as rodeiam, em detrimento da centralização nos lucros e na produção. A perspectiva de empresa assente na economia clássica é substituída por uma perspectiva alternativa, assente “... nos espaços de vida da sociedade civil ...” (*idem*:33). Na perspectiva de Friedmann, mudanças ocorridas no sistema capitalista como o seu alcance global, as inovações a nível tecnológico e a centralização de poder em grandes empresas e instituições financeiras, excluiu grande parte dos pobres a nível mundial, em participar na economia e na política (*idem*:15). Novos paradigmas, como o desenvolvimento alternativo, surgem como resposta à problemática da pobreza, bem como do desenvolvimento.

Dentro do desenvolvimento alternativo, insere-se o sistema alternativo de financiamento, um esquema comum em certos países, principalmente nos PED. Este financiamento informal implica pequenos montantes, juros mais baixos (apesar de tal não acontecer em todos os casos), ausência de garantias materiais e prazos de reembolso curtos.

O financiamento informal e o sector informal<sup>7</sup>, considerados outrora algo a combater, tendo em conta que escapava ao poder formal, hoje são descritos por alguns autores como Castells e Crichlow como algo a tentar inserir no sistema aceite pelas forças governamentais (Frias, 2006). Independentemente das forças governamentais aceitarem ou não, este tipo de sistemas decorre,

---

<sup>7</sup> Hart apontou o sector informal como algo marginal, fomentado principalmente, pelos pobres. Já Macharia, indica que se tratam de actividades comerciais de pequena dimensão, sem regulamentação directa do estado, consideradas ilegais porque não pagam impostos (Hart e Macharia *in* Frias, 2006). Exemplos do comércio informal, são demonstrados num estudo sobre o envolvimento das mulheres no comércio informal em Maputo, de Sónia Frias, tais como a venda de rua e comércio transfronteiriço.

preocupando-se pouco se é aceite ou não, preocupando-se sim em tornar-se mais eficaz e rentável. Na verdade nem todas as pessoas recorrem ao sistema informal, apenas porque não tiveram a possibilidade de recorrer ao formal, entram porque na sua óptica este é mais rentável, interessante e acessível<sup>8</sup>.

O sistema de microcrédito surge como um dos instrumentos do desenvolvimento alternativo e uma das formas de luta contra a pobreza. Trata-se de um tipo de financiamento existente, que passa pela concessão de pequenos créditos a indivíduos ou grupos, sem necessidade de garantias (colaterais), tendo como base a confiança a solidariedade, a responsabilidade e a garantia moral. O microcrédito, assim definido surge pela primeira vez de forma institucionalizada em 1983, com o Banco Grameen – Banco da Aldeia, no Bangladesh. Trata-se de um banco para os pobres, onde os mesmos podem recorrer a pequenos empréstimos (microcrédito), para aplicarem em actividades geradoras de rendimento (AGR). O mentor desta experiência foi Muhammad Yunus, economista nascido no Bangladesh, que baseando-se em colaterais denominados confiança e relação com as pessoas, criou um sistema que visa o apoio às pessoas pobres, restabelecendo-lhes a dignidade, a oportunidade e a hipótese de viver e não apenas sobreviver. Existem outras formas de financiamento, de modo a promover o acesso dos pobres ao mesmo, combatendo a falta de acesso aos bancos formais e criando sistemas financeiros alternativos, o caso das *tontines*<sup>9</sup>, dos créditos agrícolas<sup>10</sup>, das mutualidades<sup>11</sup>, os sistemas de abota<sup>12</sup>, entre outros (Gama, 2004).

---

<sup>8</sup> Por exemplo no financiamento informal, existe o financiamento cooperativo, por exemplo os clubes de poupança (christmas club principle), que têm como objectivo estimular a poupança dos parceiros pela obrigatoriedade de fazer entregas periódicas ou as associações de poupança de crédito rotativo (ROSCA – Rotating Saving and Credit Association), que têm como objectivo captar poupanças e proceder a empréstimos (por rotatividade ou por leilão) com base nessas poupanças. As pessoas não entram neste clube porque estão fora do sistema financeiro formal, optam por isso. (Fontes beneficiárias de aulas decorrentes durante o mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional).

<sup>9</sup> Termo utilizado na literatura francesa para as ROSCAS – que consiste em juntar fundos de várias pessoas, de modo a realizar uma distribuição equitativa entre estas, através de um sorteio ou de um acordo estabelecido anteriormente. Mais tarde surge uma outra forma de ROSCAS, mais ligada à lógica do jogo.

Segundo o Sistema Financeiro tradicional<sup>13</sup>, os bancos são os únicos que podem conceder empréstimos, assim a prática de microcrédito da forma como é feita em alguns PED, (pequenos montantes, fiança solidária (social collateral), ausência de contratos formais), não estaria legal. No entanto mediante a realidade existente e os resultados que se têm visto com este sistema, o ideal é aceitar e recuperar este e alguns métodos da economia informal. O microcrédito está em força nos PED, mas também nos países desenvolvidos, nomeadamente europeus e nos Estados Unidos da América. Em 2005, as Nações Unidas declararam a Carta de Intenções do Ano Internacional do Microcrédito, onde este foi considerado um instrumento decisivo no combate à Exclusão Social e à Pobreza. Aplicado também na Guiné-Bissau, o objectivo do microcrédito passa por criar a oportunidade a pessoas pobres e sem acesso ao crédito formal, poderem aceder a outro tipo de créditos, regra geral de uma forma comunitária, ou seja a maior parte dos microcréditos concedidos neste país são fornecidos para grupos, por ONG nacionais e internacionais (apoiadas por doadores também nacionais e internacionais) e outras entidades.

Apesar do microcrédito ser cada vez mais aceite a nível mundial, Mosley aponta os efeitos negativos do mesmo, tais como a questão dos reembolsos, por vezes é um problema, quando as pessoas não conseguem fazê-lo. O que pode mesmo levar a uma redução dos seus rendimentos a longo prazo, isto porque pode haver uma gestão incorrecta, ou pode-se mesmo perder os valores do reembolso devido a motivos exógenos (má colheita devido à falta ou excesso de chuva, incêndios, desgostos (morte de um familiar), entre outros (Mosley *in* Gama, 2004). Para Karnani, a melhor forma de erradicar a pobreza, não passa

---

<sup>10</sup> Promoviam a poupança nas zonas rurais, demonstrando aos camponeses como poupar, implementar e fomentar projectos agrícolas, proporcionando a fixação dos camponeses nas zonas onde estes projectos eram aplicados.

<sup>11</sup> Tratam-se da entrega de créditos a grupos de pessoas, estes eram depois os responsáveis pelos reembolsos, sendo os fiadores uns dos outros. Em 1864, Raffaisen criou na Alemanha o primeiro modelo mutualista da Europa.

<sup>12</sup> Este sistema promove a entrega de géneros, quotiza-se os produtos que são depois utilizados normalmente em momentos sociais, como por exemplo festas ou funerais.

<sup>13</sup> Conjunto de instituições que garantem o financiamento da actividade económica.

pelo microcrédito, mas sim em criar empregos e aumentar a produtividade do trabalhador (Karnani, 2007).

Mas não será o desenvolvimento algo a surgir, através de acções locais? Acções a nível familiar, depois comunitário, alargando-se para a sociedade? É necessário adaptar modelos alternativos e endógenos. O inverso foi colocado em prática ao longo das últimas décadas e os resultados não foram os esperados, veja-se o caso de alguns Programas de Ajustamentos Estrutural (PAE).

### **3.1 - Microcrédito e as mulheres**

Faz mesmo diferença entregar o microcrédito às mulheres? A literatura refere que o microcrédito é na sua grande parte entregue a pessoas pobres, estando neste grupo inserido, grande parte das mulheres a nível mundial (dos 980 milhões de pessoas pobres a nível mundial 70% são mulheres).

No Banco Grameen, Yunus numa primeira fase decidiu privilegiar a entrega de microcréditos às mulheres, pois os bancos tradicionais eram sexistas e não queriam emprestar dinheiro a mulheres. No Bangladesh apenas se faziam empréstimos a mulheres, após a permissão do marido, antes do Grameen, as mulheres representavam menos de 1% dos empréstimos (Yunus, 2002). Após aperceber-se dos primeiros resultados, os motivos em privilegiar as mulheres passaram a ser outros. O crédito entregue às mulheres produzia mudanças mais rápidas e notórias do que aquele entregue aos homens. O facto de serem mais pobres, faz com que estas lutem arduamente contra a pobreza, quando lhes é dada uma oportunidade para tal. “São mais atentas, mais preocupadas em assegurar um melhor futuro para os filhos e demonstram uma maior consciência no trabalho do que os homens” (Yunus, 2002:127). O homem tem uma escala de prioridade, no qual a família não consta no topo, ao contrário da mulher. A mulher tem como prioridade os filhos e em seguida o

lar. As mulheres estão mais próximas dos filhos, que são também a “chave do futuro” (*idem*:127). Desta forma, os microcréditos foram-se concentrando nas mulheres. Para Yunus, “a mulher sem recursos revela-se melhor lutadora do que o homem, porque mais consciente com o presente e o futuro dos filhos está mais disposta a trabalhar e a fazer maiores sacrifícios pelo seu bem-estar” (ISU, 2003:8). Ao proporcionar-se uma actividade económica lucrativa às mulheres, estas serão capazes de a desenvolverem, gerando poder económico que por sua vez gera poder social. Uma das formas de proporcionar essa oportunidade é conceder crédito a baixo-custo, isto é, microcrédito. Esta opção nas mulheres acarretou alguns problemas sociais, no sentido em que abalou algumas estruturas a nível familiar e tradicional no Bangladesh. Normalmente são os homens que tratam dos negócios e trazem dinheiro para a família (Yunus, 2002). É necessário um acompanhamento também aos homens, durante o processo de atribuição de microcréditos, no sentido deste estar informado e fazer parte das actividades.

#### **4 - Guiné-Bissau**

##### **4.1 - Breve contextualização da Guiné-Bissau**

Para desenvolver uma componente prática, neste trabalho, foi utilizado como estudo de caso um projecto de luta contra a pobreza na Guiné-Bissau, mais concretamente nos sectores de Pitche e de Pirada. A República da Guiné-Bissau situa-se na costa ocidental africana, fazendo fronteira com o Senegal, Guiné-Conacry e o Oceano Atlântico. Além da Guiné-Bissau continental, abrange também com o arquipélago dos Bijagós (cerca de 88 ilhas). A sua superfície é de 36.125 km<sup>2</sup> dos quais apenas 27.700 km<sup>2</sup> constituem a superfície emersa devido à fraca elevação do país, relativamente ao nível médio das águas do mar (ISU, 2003). O país está dividido em oito regiões, (Bafatá, Bolama, Biombo, Cacheu,

Gabu, Oio, Quinara e Tombali) e um sector autónomo (Bissau). As regiões dividem-se em sectores, que por sua vez se dividem em secções. A região de Gabu contém os sectores de Pitche, Boé, Gabu, Pirada e Sonaco. Os sectores de Pitche e Pirada situam-se no leste da Guiné-Bissau, junto à fronteira da Guiné-Bissau com a Guiné-Conacry e com o Senegal.

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: (ISU, 2006:4).

Nestes dois sectores, predominam os povos fulas e mandingas, tradicionalmente de religião muçulmana e com forte tradição para o comércio, sendo que existe uma grande circulação de pessoas e bens, originando avultadas trocas comerciais entre os dois sectores e entre o Senegal. Estas trocas são mais significativas com o Senegal, do que com a capital Bissau, devido à maior proximidade geográfica com aquele país, ao facto ainda de os acessos até Bissau não estarem facilitados devido às estradas deterioradas que fazem a ligação da zona leste à capital. Os fulas e os mandingas, em regra, são mais nómadas, o que também facilita as circulações. Dedicam-se mais à pastorícia do que à agricultura, em relação aos outros povos da Guiné-Bissau<sup>14</sup>, dedicando-se

<sup>14</sup> Na Guiné-Bissau predominam vários povos entre os quais os fulas, mandingas, balantas, felupes, papeis, bijagós e manjacos (ISU, 2003).



particularmente à produção bovina. Na actividade agrícola produzem principalmente, milhos e mandioca, mas também arroz de sequeiro e amendoim. As mulheres dedicam-se ao cultivo de arroz nas bolanhas situadas em pequenos vales interiores<sup>15</sup>.

#### 4.2 - Pobreza na Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é dos países mais pobres do mundo, com um índice de desenvolvimento humano global que ocupa a 164<sup>a</sup> posição num total de 169 países (PNUD, 2010). Sendo a pobreza um fenómeno evidente, principalmente nas zonas rurais onde vivem cerca de 67% da população, o microcrédito surge como uma das respostas, para a luta contra a pobreza e para o desenvolvimento ao nível do desenvolvimento a partir de baixo - *bottom-up* de Walter Stohr<sup>16</sup>. O perfil da pobreza na Guiné-Bissau pode ser definido de acordo com os dados recolhidos pelo Inquérito Ligeiro de Avaliação da Pobreza (ILAP), realizado no período de Março a Maio de 2002. Segundo os resultados deste inquérito, mais de metade da população da Guiné-Bissau vive na pobreza, ou seja, dois em cada três guineenses vivem com menos de 2 dólares por dia. O quadro 1 mostra uma quota de 48,8 de população guineense que vive com menos de 1,25 dólares por dia.

**Quadro 1 – Pobreza Monetária**

País	Quota de população com menos de USD 1,25 por dia em PPC (2007)
------	--

<sup>15</sup> Conversa informal, anotado em diário de campo: "Os campos são para os homens na altura das chuvas, as bolanhas são para as mulheres (Samba Candé)."

<sup>16</sup> Sthor enuncia o desenvolvimento *a partir de baixo*, indicando que tal implica a aplicação de estratégias em relação aos recursos locais existentes, bem como a participação das populações, para se conseguir fomentar o desenvolvimento.

Guiné-Conacry	70,1
<b>Guiné-Bissau</b>	<b>48,8</b>
Senegal	33,5

Fonte indirecta: Banco Mundial, 2010.

Esta pobreza tem uma relação directa com o aumento rápido do desemprego e sub-emprego. A maioria da população activa, que não dispõe de formação académica, nem de qualificação técnica, encontra-se desempregada e sobrevive no quadro da rede tradicional de solidariedade. Uma importante fracção da população rural e urbana beneficia apenas de um rendimento esporádico e mantém-se ocupada de forma aleatória, principalmente na agricultura de subsistência, pesca artesanal, exploração florestal, pequeno comércio e serviços. A pobreza resulta também da fraca participação e da ausência de um quadro participativo na tomada de decisões que interessam a vida da maioria da população. Tem uma incidência em determinadas camadas sociais: as mulheres, os jovens e as crianças, que são a maioria da população, as mulheres 792.300 mil em 2009 (quadro 2), mas constituem grupos marginalizados.

#### **Quadro 2 - População da Guiné-Bissau**

População Masculina	755.859
População Feminina	792.300
População Total	1548.159

Fonte indirecta: Elaborado com base nos dados do último recenseamento, em 2009

O contexto da Guiné-Bissau, não sendo fácil a nível político, saindo recentemente de um conflito armado em 1998-1999, que destruiu parte do que já se tinha conseguido até à data, a nível de infra-estruturas económicas, administrativas e sociais; não tendo os melhores níveis de indicadores sociais e económicos (IDH, IPH, PIB etc.), considerado um país absolutamente prioritário em termos de ajuda externa, acaba mesmo assim por encontrar uma linha que,

ainda que por vezes pareça ténue, de motivação e mobilidade para a mudança no país. Claramente não se trata de um país em que “djitu ka tem”<sup>17</sup>, mas sim de um país que necessita de procurar de forma endógena o que tem, para se levantar, isso em concertação com o apoio externo. O desenvolvimento da Guiné-Bissau abrange reestruturações económicas, sociais, humanas, ambientais e institucionais ao nível de “...respeito pelos direitos humanos, igualdade entre géneros, reforço da capacidade institucional, melhoria da oferta dos serviços sociais (...) entre outros, deverão merecer uma atenção acrescida” (DENARP, 2004:5).

Na luta contra a pobreza na Guiné-Bissau, um dos mecanismos também passa pelo microcrédito entregue às mulheres, porque são a camada mais pobre e vulnerável; porque a estas compete assegurar a gestão da casa, da família e principalmente garantir a sobrevivência dos filhos; porque estas demonstram confiança e honra no seu compromisso (ISU, 2003). Tal proporciona-lhes gerir, por exemplo, uma actividade económica lucrativa, gerando poder económico que por sua vez gera poder social.

Através da prática do microcrédito, já presente nas tradições da Guiné-Bissau, as organizações de mulheres passam a ter acesso a pequenos empréstimos, permitindo-lhes investir em pequenos negócios, para que as actividades económicas por elas desempenhadas se tornem lucrativas de modo a gerarem riqueza. Assim o microcrédito demonstra ser uma estratégia eficaz na luta contra a pobreza uma vez que reduz a vulnerabilidade das pessoas e permite o empoderamento das mulheres, permitindo-lhes que decidam quando e onde devem aceder a serviços de desenvolvimento, tais como a saúde e a educação.

#### **4.3 - Sectores de Pitche e de Pirada**

---

<sup>17</sup> Não há solução, tradução livre de crioulo da Guiné-Bissau

Pitche é um sector da região administrativa e jurídica de Gabu. Tem uma superfície de 1900,62 km<sup>2</sup> e uma população com cerca de 47.000 habitantes, 23.630 masculinos e 23.412 femininos<sup>18</sup> estando estes divididos pelas cinco secções existentes: Buruntuma, Canquelifá, Dara, Padjama e Pitche, cada uma delas com a sua praça (centro), os seus bairros e as suas tabancas<sup>19</sup>.

No caso da secção de Pitche, este possui a praça, 9 bairros e cerca de 45 tabancas. Possui quatro centros de saúde, várias unidades de saúde base, 51 escolas públicas e 12 escolas comunitárias<sup>20</sup>. Esta secção é rica em pecuária e agricultura, que constitui a base da economia da população, seguida do comércio. Em relação à população, os fulas são predominantes, seguidos dos mandingas e a religião predominante é o islão. Pitche faz fronteira com a Guiné-Conacry e está inserida entre Pirada e Boé. A principal fonte de receita vem de serviços pecuários, dos mercados e dos lumos, (feiras semanais, sendo que a de Pitche é às segundas feiras). Em entrevista ao jornal guineense *Nô Pintcha*, o administrador de Pitche – Aladje Mamadú indica que a estrada que liga Pitche a Gabu encontra-se em permanente estado de degradação, há insuficiência de infra-estruturas e de pessoal sanitário, os centros de saúde não possuem ambulâncias para a evacuação de doentes, são pequenos para a quantidade de pessoas que atendem e não têm camas para casos de internamento, contam com um médico, cinco enfermeiras, uma analista e três parteiras. Em Pitche, não existe electricidade, nem água corrente, contando apenas com furos de água já construídos. O sistema de segurança também é inadequado, existindo apenas 5 elementos policiais, já de idade avançada, que não conseguem dar vazão a todo o sector, a fim de garantir a segurança (*Nô*

---

<sup>18</sup> 3º Recenseamento Geral da População e Habitação da Guiné-Bissau, realizado de 15 a 29 de Março de 2009, pelo INE e Ministério da Economia do Plano e Integração Regional.

<sup>19</sup> Cerca de 230 tabancas - aldeias, segundo informações prestadas pelos técnicos da DIVUTEC.

<sup>20</sup> Trata-se de escolas que são uma alternativa ou complementares às escolas públicas. Naquelas os professores e os materiais para as escolas são financiados pelas comunidades, promovendo uma maior participação desta no sistema educativo.

*Pintcha*, 2011). As organizações privadas que estão presentes em Pitche são a DIVUTEC, a ADIC- Nafaia, a OMVG, a APRODEL e a AFASP<sup>21</sup>.

Pirada é um sector da região administrativa e jurídica de Gabu na Guiné-Bissau. Tem uma superfície de 934 km<sup>2</sup> e uma população com 32.791 habitantes, 15.980 masculinos e 16.811 femininos<sup>22</sup> estando estes divididos em secções. Cada uma destas secções tem também a sua praça (centro), os seus bairros e as suas tabancas. Em Pirada situam-se três centros de saúde, cada um em Candjufa, Pirada e Darjocunda. Igualmente como Pitche, os fulas são predominantes, seguidos dos mandingas e a religião predominante é o islão. Pirada faz fronteira com a Guiné-Conacry e está inserida entre Pitche e Boé. As organizações privadas que estão presentes em Pirada são a DIVUTEC, a ADIC-Nafaia, a OMVG e a APRODEL.

## **Parte II – A mulher na sociedade guineense**

---

<sup>21</sup> ADIC- Nafaia - Apoio ao Desenvolvimento das Iniciativas Comunitárias; OMVG – Organização para o Aproveitamento do Rio Gâmbia; APRODEL - Associação para a Promoção do Desenvolvimento Local; AFASP - Associação dos Filhos E Amigos do Sector de Pitche.

<sup>22</sup> 3º Recenseamento Geral da População e Habitação da Guiné-Bissau, realizado de 15 a 29 de Março de 2009, pelo INE e Ministério da Economia do Plano e Integração Regional.

As mulheres estão menos inseridas e envolvidas nos circuitos económicos formais e normalmente enveredam ou pelos empregos informais, ou por aqueles mal remunerados. Desempenham um papel fundamental na tradição familiar, uma vez que são responsáveis pela família e gestão da casa, educação dos filhos e maioritariamente (principalmente nas zonas rurais) executoras de actividades económicas, tais como a agricultura ou a pesca. Desta forma, são simultaneamente agentes de educação e agentes económicos. Em todas as actividades referidas anteriormente a mulher tem ocupado cada vez mais um papel de destaque, devido ao aumento do êxodo rural e ao fenómeno migratório dos jovens para a Europa e outros países. Segundo o ILAP a percentagem de domicílios dirigidos por mulheres é de 23,1% e que a pobreza é mais frequente nos domicílios dirigidos por homens 66,1%, do que os dirigidos por mulheres 56,1% (ILAP2, 2001).

Também como a nível mundial, as mulheres da Guiné-Bissau são aquelas que suportam grande parte da carga da pobreza, neste caso por diversos motivos:

- i) Acesso à Educação limitado – o facto de a mulher ter um papel familiar enquanto esposa, que se dedica aos filhos e às lidas domésticas, reserva-lhe pouco tempo livre para outras tarefas tais como a educação (no sentido de acesso à escola). Não se tratando apenas do factor falta de tempo, mas também de factores culturais, este é um dos principais motivos. Apenas 36,3% das raparigas frequentarem a escola, em relação aos 53,5% dos rapazes, proporciona uma elevada disparidade entre sexos na frequência do ensino, bem como níveis de alfabetização díspares, 38.9% nas mulheres, 65.2% nos homens (PNUD, 1995).
- ii) Casamentos precoces – a idade legal para casamento na Guiné-Bissau é

de 14 anos para a mulher e 16 anos para o homem. Trata-se de uma lei antiga, aplicada na altura colonial, mas que ainda se encontra em vigor (OECD, s.d.).

- iii) Prestação de obediência à autoridade familiar - normalmente o pai ou o irmão mais velho, que necessariamente não teria que ser um aspecto a identificar como causa para este tópico, caso essa autoridade não limitasse o acesso da mulher a outras oportunidades (a destacar o ensino e outras opções de emprego), tornando-as dependentes.
- iv) Integridade física – a violência contra a mulher é comum (violência doméstica, rapto, mutilação genital feminina, incesto e outras formas de violência), são tópicos recorrentes quando se fala em situações de desigualdade perante as mulheres, sendo que a Guiné-Bissau não é excepção. Apesar de proibida pela legislação, a violência doméstica é considerada aceite, em algumas comunidades, caso se tratem de questões familiares (OECD, s.d.).

As desigualdades vinculadas ao género, são outro factor que aguda a feminização da pobreza na Guiné-Bissau:

- Desigualdade económica - diferenças de rendimentos (monetários e não monetários) e de consumo, na possibilidade de aceder aos serviços colectivos e necessidades consideradas essenciais, alimentação, educação, saúde e habitação), desigualdade de capacidades. O Índice de Pobreza Humana (IPH) na Guiné-Bissau, para as mulheres é de 53,5% e para os homens é de 38,7%. No caso de Gabu o IPH para as mulheres é de 60,3%, para os homens é de 42,1% (PNUD, 2006).

- Desigualdade social e cultural – as diferenças relacionadas com aspectos sociais e culturais de cada sociedade, sendo que alguns exemplos mais marcados em alguns povos na Guiné-Bissau, passam pelos casamentos forçados e precoces, excisão genital, desigualdades nas relações sexuais. Um estudo

sobre o HIV-Sida na Guiné-Bissau, publicado no Journal of AIDS em 2002, demonstrou que as mulheres têm uma taxa de infecção maior do que os homens, numa amostra de 1,686 pessoas, HIV tipo 1 nas mulheres 4,6% e nos homens 2,2% (Holmgren et al, 2002). A excisão genital feminina é de 0,5% e a violência física contra as mulheres é de 1% (GID, 2009). Salienta-se também os dados a nível de acesso à educação, referidos em cima.

- Desigualdade política – a percentagem de mulheres no parlamento é de 12,7% (PNUD, 1995), um número reduzido, que implica menos voz das mulheres ao nível das tomadas de decisões a nível de políticas do país.

Os aspectos multidimensionais da pobreza e das desigualdades tornaram-se largamente conhecidos e reconhecidos, sendo que toda a desigualdade aumenta a pobreza. Assim a feminização da pobreza, tem sido um fenómeno marcante e com tendência para se agravar, se medidas adequadas não forem tomadas.

### **Parte III – Papel da mulher no microcrédito na Guiné-Bissau**



## **1 - Estudo de Caso: Projecto de Luta Contra a Pobreza através do Microcrédito - Pitche e Pirada**

A dissertação tem como estudo de caso, o projecto *Luta Contra a Pobreza através do Micro-Crédito – Pitche e Pirada* (adiante denominado conforme indicado no Relatório deste projecto, PLCP – Projecto de Luta Contra a Pobreza). O objectivo da utilização deste estudo de caso, trata-se de perceber com um exemplo de atribuição de microcrédito, como foi o papel da mulher no mesmo, através de uma análise dos documentos do projecto, bem como da análise das entrevistas feitas a essas mulheres.

Este projecto foi promovido pela ONG guineense DIVUTEC – Associação Guineense de Estudos e Divulgação de Tecnologias Apropriadas e pela ONGD portuguesa ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária. Decorreu na zona leste da Guiné-Bissau, na região de Gabu, no sector de Pitche e no sector de Pirada. Trata-se de um projecto, que teve como actividade principal, a concessão de microcréditos a mulheres em Pitche e em Pirada, pelo que de alguma forma permite-nos perceber qual foi o papel destas mulheres em todo o processo de atribuição do microcrédito.

Será apresentado o projecto de uma forma geral e o público-alvo do mesmo salientando as mulheres. Será feita uma descrição das mulheres, ao nível do seu perfil e condição e qual a sua função no projecto, percebendo assim qual o seu papel no microcrédito de uma forma prática e empírica.

O ISU é uma ONGD portuguesa, com sede em Lisboa. Foi fundado em 1989 com o estatuto de Associação Juvenil de Âmbito Nacional e mais tarde constituído como ONGD. O âmbito de intervenção do ISU passa pelo Voluntariado, a Cooperação e Educação para o Desenvolvimento e a Inclusão Social, organizado em quatro grandes áreas: Gabinete de Apoio ao Estudante,

Espaço Alta de Lisboa, Centro de Formação para o Voluntariado e Gabinete de Cooperação.

A DIVUTEC é uma ONG guineense, com sede em Bissau, fundada em 1994. Tem como áreas de intervenção o Desenvolvimento Local Comunitário, Educação, Saúde, Micro-Finanças, Segurança Alimentar entre outros. Está presente em locais como Tombali, Quínara, Bafatá, Gabu (local do Estudo de Caso), Biombo e no sector autónomo de Bissau.

Os sectores de intervenção do PLCP são a luta contra a pobreza, as questões de género e o microcrédito, sendo o público-alvo 500 a 750 mulheres. O mesmo teve duas fases, a I fase iniciou em Outubro de 2003 e finalizou a Outubro de 2004, a II fase iniciou em Outubro de 2005 e finalizou em Setembro de 2007. O Estudo de Caso, para o presente trabalho contempla apenas a I fase, por ser menos recente e pelo facto de ter um menor limite geográfico, tendo em conta que a II fase do projecto contemplou quatro sectores da região de Gabu.

O PLCP surge da necessidade de se apoiar de uma forma sustentada o desenvolvimento das actividades económicas das comunidades de dois sectores da Guiné-Bissau, localizados numa das zonas mais desfavorecidas do interior, tendo sido colocado em prática visando as necessidades locais e a participação colectiva das comunidades envolvidas (Anexo I).

Após a preparação do trabalho de campo, com a leitura do PLCP e do seu relatório final, bem como documentos sobre o objecto de estudo e preparação dos guiões de entrevista, foi realizado o trabalho de campo de modo a conseguir uma pesquisa interpretativa junto das mulheres.

## **2 - As beneficiárias de microcrédito**

As mulheres com as quais se pretende trabalhar, residem no sector de Pitche e de Pirada e foram beneficiárias de microcréditos no âmbito do Projecto apresentado como estudo de caso. Estas mulheres provinham de estratos sociais

desfavorecidos, onde os níveis de pobreza eram visíveis. Padeciam de graves carências a nível de recursos, ficando dessa forma, excluídas do sistema corrente de crédito (ISU, 2003). Segundo o diagnóstico realizado pelas entidades promotoras do PLCP, o critério de selecção das mulheres beneficiárias passou pelo facto de possuírem uma AGR, o que vai ao encontro dos requisitos para se obter microcrédito.<sup>23</sup> As localidades com mulheres beneficiadas foram 68 tabancas, sendo que algumas em Pitche foram nas tabancas de Madina Djalocunda, Capassa, Umaro Balde, Bentem Gabon, entre outras. Em Pirada, foram nas tabancas de Amedalae, Golere, Soncocunda, Sintchã Dulo, Sintchã Aladje, Manpurom, Bessecunda, Sintcha Dulo, entre outras.

Foram realizadas conversas informais com agentes de microcrédito da DIVUTEC e com técnicos do ISU de modo a melhor compreender o projecto; observação directa de modo a perceber empiricamente o processo de microcrédito, através do acompanhamento da entrega de microcrédito a mulheres no âmbito de outros projectos<sup>24</sup> e entrevistas às beneficiárias de microcrédito do PLPC, de modo a obter dados para uma análise empírica desta pequena amostra. Realizaram-se portanto entrevistas semi-estruturadas, em que a amostra foi as mulheres beneficiárias do PLCP, visto terem experienciado um processo de atribuição de microcrédito. Foram realizados contactos com o ISU, para aceder aos documentos do projecto e com a DIVUTEC de modo a

---

<sup>23</sup> Este critério demonstra um aspecto abordado por Chemin em relação ao microcrédito, indicando que na verdade este não chega às classes mais pobres, estes não têm pequenos negócios (Chemin, 2008). O microcrédito não se trata de um subsídio social digamos, mas sim um incentivo para uma determinada classe pobre da sociedade. A análise da adequação do microcrédito como mecanismo de luta contra a pobreza, contribuindo para o desenvolvimento é relevante, no entanto não se trata do objecto desta dissertação. O microcrédito surge como um mecanismo utilizado na luta contra a pobreza, que privilegia as mulheres, daí a opção por este mecanismo para analisar a função e vantagens das mulheres no mesmo, tomando o microcrédito como uma opção que contribui para a luta contra a pobreza, apesar de ter presente as críticas que lhe são feitas.

<sup>24</sup> No âmbito de Projectos de Cooperação para o Desenvolvimento na Guiné-Bissau, que a ONGD ISU é promotora no terreno, foi possível observar os mecanismos de entrega de microcrédito a mulheres. É marcada uma reunião com o objectivo de proceder às concessões, estes são entregues às mulheres que assinam um recibo com o valor recebido. Em casos em que as mulheres não sabem assinar, é feita uma marcação com o dedo, recorrendo a uma almofada de carimbo. Esse valor é aplicado em uma actividade geradora de rendimento, de onde são retirados os lucros para o reembolso.

facilitar os encontros com as mulheres. As primeiras entrevistas decorreram em Pirada, posteriormente em Pitche.

O objectivo em fazer estas entrevistas foi perceber junto destas mulheres, o que acharam ter sido o seu papel, enquanto mulheres, no processo de entrega de microcrédito no PLCP. Aplicando este tipo de entrevistas tornou-se possível perceber as opiniões e comportamentos destas mulheres entrevistadas, obtendo assim dados subjectivos, com os quais se destacam algumas conclusões, apresentadas mais adiante. Foi também possível uma maior interacção entre a entrevistadora e as entrevistadas, surgindo respostas mais espontâneas e reais; a existência de perguntas fechadas, seguidas de justificações abertas, permitiu delimitar a concepção das mulheres entrevistadas, para depois dar-lhes espaço para a justificação dessa concepção, obtendo com esta exploração maiores detalhes.

Foram entrevistadas 9 mulheres beneficiárias e 2 técnicas da ONG local promotora do projecto, uma técnica de Pitche outra de Pirada. Foram realizadas também entrevistas a 3 homens de modo a inserir de uma forma empírica, a importância do papel do homem, também no processo de empoderamento e autonomização da mulher na sociedade em geral e neste caso em concreto, do sistema de microcrédito na Guiné-Bissau (Quadro 3).

**Quadro 3 - Grupos Entrevistados**

<b>Mulheres entrevistas, beneficiárias do Projecto Luta contra a Pobreza – Grupo 1</b>	<b>Mulheres entrevistadas, técnicas da ONG local – Grupo 2</b>	<b>Homens entrevistados, relacionados com o Projecto Luta contra a Pobreza* - Grupo 3</b>	<b>Total Entrevistados</b>
9	2	3	14

\*Maridos e técnicos de ONG.

Fonte: Elaborado com base nos dados recolhidos

As variáveis foram divididas em três grandes dimensões: Microcrédito, Projecto de Luta Contra a Pobreza e Género no microcrédito. As entrevistas tiveram como base o guião previamente estabelecido, sendo o guião das questões utilizado, idêntico para todas as beneficiárias. Para as técnicas e para os homens as questões tiveram algumas variantes. Conforme as respostas dadas pelos entrevistados, estes foram por vezes questionados com perguntas não contempladas no guião de questões, de modo a clarificar imprecisões (Anexo III).

### **Os resultados das entrevistas, quanto à dimensão do Microcrédito:**

Todas as entrevistadas do Grupo 1 (Quadro 3), tiveram conhecimento do microcrédito, apenas no âmbito deste projecto. Até ali era um conceito desconhecido para todas. Para as mesmas o microcredito é uma forma de i) ajudar os seus filhos; ii) adquirirem conhecimentos (técnicos e pessoais); iii) o melhor mecanismo de desenvolvimento das mulheres; iv) ajuda no desenvolvimento local; v) tem um grande peso, pois pode não se conseguir devolver e vi) apoia não só mulheres mais famílias, incluído dessa forma o homem, “A mulher é casada, então o homem e a mulher devem andar juntos, então o microcrédito fica para os dois.” (Testemunho mulher entrevistada).

### **Em relação à dimensão Projecto de Luta Contra a Pobreza:**

Todas têm bastante presente o processo de atribuição de microcrédito no projecto, explicando que foram realizadas várias reuniões com todas as mulheres. Nas primeiras perguntaram-lhes quais as actividades que consideravam dar mais lucros (entre criação de cabras, criação de aves e produção de sabão). Em conjunto os agrupamentos de mulheres decidiram-se pela produção e venda de sabão. No entanto, o negócio do sabão não decorreu como o esperado, não conseguindo obter lucros, devido à concorrência do

sabão proveniente do Senegal<sup>25</sup>. Desta forma decidiram-se pelo cultivo de amendoim, criação de cabras e aves de capoeira e produção e venda de produtos hortícolas. Foi-lhes entregue o microcrédito e aplicaram o mesmo nestas actividades que se propuseram fazer, com os lucros obtidos realizaram o reembolso.

Dos homens entrevistados dois, conheceram o microcrédito na altura em que começaram a trabalhar com o mesmo e um deles através das reuniões com a comunidade feitas pela DIVUTEC, para falar sobre o PLCP.

As mulheres quando questionadas sobre o seu papel, no processo de atribuição do microcrédito, indicaram: i) honrar o compromisso que lhes foi atribuído, de modo a que o microcrédito continuasse a ser entregue; ii) receberem o microcrédito e aplicarem na AGR pensada inicialmente; iii) utilizarem os microcréditos para os seus filhos e iv) ajudarem-se umas às outras, pois estavam a dar os primeiros-passos e ainda não conheciam bem as regras, aquelas que mais rapidamente as percebiam apoiavam aquelas que tinham mais dificuldades.

Todas as entrevistadas consideram ter tido um papel importante neste processo, pois conseguiram corresponder ao que lhe foi pedido e indicam que ser mulher foi uma vantagem porque: i) a elas se dirigiram os técnicos da DIVUTEC para as sensibilizações de microcréditos; ii) a elas foi concedido o microcrédito e a responsabilidade de reembolsar; iii) a elas foram entregues os microcréditos, porque são mais pobres que os homens, porque têm a habitação e a educação e saúde dos filhos para tratar, porque são de maior confiança e porque devolvem sempre, pois têm vergonha de ser apontadas na rua, como aquela que não reembolsou o que devia. A mudança que o projecto trouxe para as suas vidas foi importante, apesar de em termos económicos, não ter sido tão bom quanto estavam à espera. Referem que com o projecto surgiu uma maior

---

<sup>25</sup> Este aspecto remete para a eficiência dos diagnósticos nos projectos de cooperação para o desenvolvimento, aspecto relevante na cooperação, que no entanto não é objecto de estudo nesta dissertação.

união entre as mulheres, uma valorização das mesmas e as formações que receberam foram úteis, permitindo-lhes compreender o que é o microcrédito, os seus procedimentos, direitos e responsabilidades dos vários actores envolvidos e obter competências pessoais e sociais, que reforçaram o seu papel na família e na comunidade.

O micro-projecto do sabão não deu certo, mas foi importante terem recorrido aos restantes micro-projectos. Acabaram por falar nas vantagens que o microcrédito tem trazido para as suas vidas, de uma forma mais generalizada, não com o exemplo concreto do projecto, mas sim com os restantes projectos que a DIVUTEC continuou a implementar com elas, “antes viviam numa *canseira* constante” e agora têm as suas tarefas mais organizadas. As vendas que continuam a fazer, têm mais lucro, são ouvidas na comunidade e na família, não estão tão dependentes economicamente dos maridos, levam os seus filhos ao médico e compram-lhes material da escola, pois têm recursos para tal.

Os homens indicaram que as mulheres tiveram um papel importante no sentido que em utilizaram o dinheiro para a família e estes estão incluídos na família, usufruindo desta forma também das vantagens.

### **Finalmente a dimensão Género no microcrédito:**

As várias respostas dadas à questão sobre a função da mulher no sistema de microcrédito, passaram por: i) honrar o compromisso que lhe foi atribuído, de modo a que o microcrédito continue a ser entregue; ii) receber o microcrédito e aplicar na AGR acordada no início; iii) utilizar os microcréditos para os seus filhos, casa e restante família e iv) apoiarem-se umas às outras; v) utilizar as formações e sensibilizações que lhes são dadas e vi) facilitar todo o sistema. Na verdade, trata-se de respostas similares àquelas dadas sobre o seu papel no projecto.

Todas as mulheres entrevistadas indicaram que os homens apoiam as mulheres nas actividades de microcrédito. Quando questionadas de que forma,

acabaram por indicar que nem todos apoiam e que há muitos que sequer o fazem. O facto de, de numa fase inicial as mulheres entrevistadas, pensarem que estas entrevistas se tratavam de uma espécie de diagnóstico, para um possível novo projecto de apoio que viria no futuro, fez com que respondessem a esta pergunta, com algum receio. Ou seja de modo algum queriam apontar aspectos errados aos homens, tendo isso como resultado a falta de apoio aos mesmos, até porque estar a apoiá-los também é apoiá-las. Quando perceberam que se tratava de um estudo, e que não precisavam de dizer o que ser quer ouvir, ou o que deve ser dito para um futuro financiamento, tornaram-se mais sinceras. Este aspecto acaba por demonstrar uma das fragilidades para os levantamentos de necessidades para projectos de cooperação para o desenvolvimento.

Questionadas sobre a interferência ou não dos homens nas atribuições de microcrédito, as respostas foram em parte idênticas à anterior. De qualquer das formas, quando questionadas, com exemplos concretos (um dos aspectos a melhorar mencionados no Relatório Final do Projecto, ser o facto de alguns maridos não terem permitido que as suas esposas frequentassem algumas das sessões de formação), as mulheres acabaram por indicar que alguns interferem de uma forma negativa, com esse exemplo: i) interferem porque também querem receber crédito; ii) não querem que a sua mulher deixe de ser independente, pois assim correm o risco de estas os deixarem. Mas há aqueles que interferem de forma positiva. Por exemplo nos agrupamentos de mulheres que receberam microcréditos, todos os responsáveis pelos registos (actas de reuniões, notas de créditos e reembolso, redacção de listas de membros de agrupamentos) eram homens. Isto porque as mulheres que faziam parte dos agrupamentos do projecto não sabiam ler, nem escrever.

Em relação à questão relacionada com a entrega de microcrédito aos homens, das 14 pessoas entrevistadas, 9 responderem que sim, 3 responderam nem todos e 2 responderam que não. Os motivos daqueles que responderem



que sim prendem-se com os seguintes aspectos: i) estes também fazem parte da família e o interesse é que a família deixe de ser tão pobre, como um todo; ii) porque há homens que são cumpridores e deve-se seguir o exemplo destes e iii) terão que ser entregues a homens que demonstram ser de confiança e as mulheres a seleccionar aqueles que poderiam receber crédito. No fundo o que mais de metade indica, é que este pode ser entregue aos homens, mas a liderança tem que continuar nelas. Elas seleccionam quem pode receber, elas controlam os microcréditos entregues, elas são as receptoras de microcrédito.

Os homens consideram que também têm uma função no microcrédito, no sentido em que apoiam as suas mulheres (no caso dos 3 entrevistados) “Na altura de tratar da terra, ajudámos as mulheres a atar e a carregar as charruas”, (Testemunho de homem entrevistado), mas que há muitos homens que não o fazem. De qualquer das formas, acham que também devem receber microcrédito, pois também têm dificuldades e também lidam com a pobreza.

### **3 – Papel e vantagens**

Esta amostra, pelo seu tamanho reduzido, não permite uma generalização empírica da realidade de Pitche e de Pirada. No entanto as acções apresentadas por estas mulheres, como relevantes para a demonstração do papel da mulher nos processos de microcrédito são de conhecimento geral. Esse papel acaba por ser em simultâneo o motivo da vantagem em entregar os créditos às mulheres. De salientar o facto de 9 mulheres, indicarem que os microcréditos deverão ser entregues também aos homens, mas com a supervisão das mulheres e estas escolhem quem poderá receber crédito, “a liderança deve continuar em nós!”. Na verdade este aspecto implica, o aumento do volume de créditos entregues, o que seria benéfico para a família, mas sem correr o risco de este não ser correctamente utilizado.

Ao longo das entrevistas realizadas, pode-se confirmar que naquele universo as mulheres sentem-se mais ouvidas e respeitadas. Desde o PLCP, até aos dias de hoje, em que continuam a receber microcrédito através de outros programas da DIVUTEC, o seu papel familiar, comunitário e a um nível mais alargado na sociedade guineense, tem vindo a mudar. “Hoje, quando há alguma decisão familiar, os meus familiares esperam que eu chegue (agora moro numa outra tabanca, que não aquela em que moram os meus pais e irmãos mais novos), para que se possa decidir com a minha presença.” (Testemunho de mulher entrevistada).

A mulher, enquanto pessoa de confiança, honrada e cumpridora do acordo inicial, foi claramente uma vantagem, no sentido em que mediante o seu comportamento foi possível atingir os objectivos propostos no PLCP, contribuir para a diminuição dos efeitos da pobreza nas comunidades que habitam nos sectores de Pitche e de Pirada; apoiar as iniciativas locais de desenvolvimento económico; melhorar as condições de apoio ao desenvolvimento profissional e humano das mulheres e suas famílias e contribuir para o aumento do poder económico, de decisão e de participação da mulher ao nível da família e da comunidade. Importa indicar que nem todos os processos de microcrédito correm bem, mesmo estando envolvidas mulheres. No Banco Grameen, algumas mulheres não reembolsaram os seus créditos. (Yunus, 2002). O receio de não conseguir reembolsar o valor atribuído, numa primeira fase pode afastar as pessoas do microcrédito. E se o negócio corre mal? E se não há lucros? “O microcrédito é muito bom, mas tem um grande peso. Pode-se trabalhar muito após receber o crédito, mas mesmo assim não se conseguir o lucro. Depois não se consegue reembolsar e assim é melhor nem receber o crédito.” (Testemunho de mulher entrevistada). No entanto, tem sido com as mulheres que o microcrédito tem funcionado. A nível geral o exemplo, através do PLCP pode ser tomado pelo todo, salientado como o papel da mulher em:

- i) Honrar o compromisso que lhe foi atribuído;

- ii) Facilitar o processo de atribuição de microcrédito, cumprindo as regras do mesmo, sendo a mulher cumpridora, é uma vantagem esta fazer parte deste processo;
- iii) Aplicar o microcrédito, no seio familiar – educação e saúde das crianças, adquirir alimentação e condições habitacionais. Esta sempre foi a prioridade da mulher na aplicação dos seus rendimentos, tornando-se também uma vantagem;
- iv) Ser agente económica e social a nível familiar e na comunidade.

A mulher é uma agente presente neste sistema, promovendo a sua autonomia e empoderamento na sociedade guineense e o homem deve estar envolvido, de modo a fomentar e facilitar o microcrédito enquanto mecanismos de luta contra a pobreza. Apostando em mecanismos onde a mulher tem um papel preponderante, promove a igualdade de género, contribuindo para o desenvolvimento do país.

## Considerações Finais

A pobreza impulsiona as disparidades de género, ou seja estas são mais marcadas entre os pobres do que os não pobres, limitando ainda mais as mulheres na sua participação e benefícios do desenvolvimento. No entanto há que perceber que não se pode ignorar as desigualdades de género, pois fazê-lo poderá trazer resultados bastante negativos para o bem-estar das pessoas e para o desenvolvimento dos países. Neste momento, as mulheres são aquelas que mais têm sentido os efeitos das desigualdades de género, mas as consequências disso vão reverter-se também para toda a gente. São necessárias novas políticas e estratégias a nível macro - mudanças institucionais de modo a haver direitos e oportunidades iguais para as mulheres e para os homens (reformas na lei) e promover o desenvolvimento económico a nível micro - medidas activas para mudanças mais imediatas (World Bank, 2001). A nível micro, têm surgido melhores resultados, como a questão do empoderamento feminino através do microcrédito. Segundo Sen, a mulher é um agente de mudança e nada é tão importante na actual política económica e social do desenvolvimento, do que um adequado reconhecimento da participação da mulher como líder, pois é um aspecto crucial do *“desenvolvimento como liberdade”* e uma questão de *“direitos humanos”* (Sen, 2008), salientando que esta reflexão e consequente actuação sobre a importância do papel da mulher, não deverá estar ligada somente a políticas feministas, mas a políticas do desenvolvimento humano, senão tornaria esta *“luta”* um pouco redutora. O papel da mulher enquanto agente de mudança está ligado ao seu bem-estar, mas é muito mais do que isso, é necessário fazer-se uma distinção entre a acção da mulher que irá promover o bem-estar e o alcance e o poder da mulher enquanto agente de mudança. Estas duas questões, têm interesses para o desenvolvimento, que vão para além da procura do bem-estar das mulheres, embora o bem-estar feminino esteja directamente envolvido e tem um papel crucial de intermediário no reforço

para alcançar este objectivo. A mulher enquanto agente de mudança, é uma das áreas mais negligenciadas nos estudos de desenvolvimento e tal tem que ser corrigido urgentemente.

Com a proliferação dos programas e projectos de apoio de microcrédito a partir de 1980, principalmente nos PED e conseqüentemente na Guiné-Bissau, a mulher guineense foi adquirindo um papel central a nível familiar e comunitário cada vez mais importante.

A mulher no sistema de microcrédito é uma agente económica e social com direitos, recursos e voz, acabando por fomentar a igualdade de género. Outro dos seus papéis é cuidar da família, através da aplicação dos rendimentos adquiridos no microcrédito. Não se trata de remeter a mulher apenas para funções domésticas, mas sim valorizar essas funções. A principal vantagem está no facto de a mulher na realidade guineense já deter esse papel. Essa função acaba por ser o veículo que está a trazer-lhe a mudança, o poder e a voz, a nível familiar e na comunidade e que irá expandir-se pela sociedade guineense. As formações ministradas às mulheres no âmbito do PLCP, permitiu-lhes adquirir outras competências e qualificações, que estimulam e valorizam as mulheres, tratando-se de mais um contributo para esta mudança.

A mulher tem uma função de liderança no microcrédito e assim terá que continuar, caso se pretenda “garantir os seus direitos como seres humanos na unidade familiar” (Yunus, 2002:128). Segundo as mulheres entrevistadas o microcrédito pode ser entregue, também aos homens, mas através delas. Os homens não devem nem podem ficar de fora deste sistema, devendo também beneficiar e participar do mesmo, mas o principal beneficiário deve ser a mulher.

Em simultâneo com a implementação destas políticas sociais, que valorizam a função da mulher, são necessárias políticas sensíveis ao género que proliferem os novos papéis sociais da mulher na Guiné-Bissau.

## Referências Bibliográficas

- Banco Mundial (2008). *República da Guiné-Bissau: Prestação de Serviços Sociais Básicos num Contexto de Fragilidade Estatal e Transição Social*, Washington, Banco Mundial.
- Banco Mundial (2010). *Indicadores do Desenvolvimento em África 2010*, Washington, D.C, Banco Mundial.
- BARATA, Óscar e PIEPOLI, Sónia (2005). *África: género, educação e poder*, Lisboa, ISCSP - Centro de Estudos Africanos.
- CHANT, Sylvia e PEDWELL, Carolyn (2008). *Women, gender and the informal economy: an assessment of ILO research and suggested ways forward*, Geneva, International Labour Office.
- CHEMIN, Mathieu (2008). "The benefits and costs microfinance: evidence from Bangladesh", in *The Journal of Development Studies*, 44 (4), pp. 463-484, London, Routledge.
- CIDA, (2010). *CIDA's Policy on Gender Equality*, Canadá, Canadian International Development Agency.
- CPP (1996). *Guiné-Bissau: evolução sócio-económica 1990-1994*, Lisboa, Crédito Predial Português.
- DENARP (2005). *Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza*, Bissau.
- DOWBOR, Ladislau (1983). *Guiné-Bissau: a busca da independência económica*, São Paulo, Editora Brasiliense.
- FERRO, Mónica (2001). "A emancipação da mulher africana: a participação no seu próprio desenvolvimento", in *África: género, educação e poder*, 2005, pp. 85-127, Lisboa, ISCSP - Centro de Estudos Africanos.
- FNUAP, (2010). *Em tempos de crise, relações de género em transição*, in *Relatório sobre a Situação da População Mundial 2010*, Fundo das Nações Unidas para a População.

- FRIAS, Sónia (2006). *Mulheres na Esteira, Homens na Cadeira? Mulheres, economia informal e mudança cultural: estudo realizado na cidade de Maputo*, Lisboa, ISCSP.
- FRIEDMANN, John (1996). *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo*, Oeiras, Celta.
- GAMA, Cláudia (2004). *Microcrédito: Um instrumento de Luta Contra a Pobreza na Cidade da Praia*, Lisboa, ISEG.
- GOMES, Patrícia, (2010). “As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau.”, in *Africa. Puentes, conexiones e intercambios, Actas del VI Congreso de Estudios Africanos en el mundo ibérico*, pp.682-701, Las Palmas, Aquario.
- HOLMGREN, Birgitta et al. (2002). “Increased Prevalence of HTLV-1 Among HIV-2-Infected Women but Not HIV-2-Infected Men in Rural Guinea-Bissau”, in *JAIDS - Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, 1 July 2002, Volume 30, pp 342-350.
- ILAP 2, (2011). *Inquérito Ligeiro para Avaliação da Pobreza*, Bissau, INE.
- ILO, (1977). *Employment, Growth and Basic Needs: A One-World Problem*, New York, International Labour Office.
- INEC (2005). *A Guiné-Bissau em números*, Bissau, INEC.
- ISU, (2003). *Projecto “Luta Contra a Pobreza através do Micro-Crédito – Pitche e Pirada”*, Lisboa, ISU.
- ISU, (2006). *Relatório final do projecto “Luta Contra a Pobreza através do Micro-Crédito – Pitche e Pirada”*, Lisboa, ISU.
- KARNANI, Aneel (2007). *Microfinance misses its mark*, Stanford Social Innovation Review, Summer 2007.
- [http://www.ssireview.org/images/articles/2007SU\\_feature\\_karnani.pdf](http://www.ssireview.org/images/articles/2007SU_feature_karnani.pdf) (27/09/11).
- MAGALHÃES, Manuela (2009). *E a mulherada falou! Minas Gerais*, Núcleo de Género da AMEFA.
- MOHAMED, Ahmed (2009). *Microcrédito como instrumento de inclusão económica e social*, in *Revista Europa Novas Fronteiras*, pp. 159-165 Nº 24/25.

- MOSLEY, Paul (2003). "Micro-insurance: scope, design and assessment of wider impacts", in IDS Bulletin, 2003, pp. 143-155 Vol. 34, nº4.
- NARAYAN, Deepa et al (2000). *Voices of the poor: Can anyone hear us?*, New York, Oxford University Press.
- Nô Pintcha (2011). Jornal Nô Pintcha, Agosto 2011, nº 2149, Bissau.
- OECD, (2009). *Gender, Institutions and Development Database 2009 (GID-DB)*, Paris, Organisation for Economic Co-operation and Development. [http://stats.oecd.org/Index.aspx?DatasetCode=GID2] (01/09/11).
- OECD (s.d.). *The OECD Gender, Institutions and Development - Gender Equality and Social Institutions in Guinea-Bissau*, Paris, Organisation for Economic Co-operation and Development.
- PEREIRA, Elvira (2000). *Conceitos, medidas e estratégias de luta contra a pobreza em África: a procura de um novo consenso*, Lisboa, ISEG.
- PEREIRINHA et al (2008). *Género e pobreza: impacto e determinantes da pobreza no feminino*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- REDDOCK, Rhoda (2000). "Why Gender? Why Development?", in *Theoretical Perspectives on Gender and Development*, Canada, International Development Research Centre.
- REEVES, Hazel e BADEN, Sally (2000). *Gender and Development: Concepts and Definitions, Report No 55*, United Kingdom, Institute of Development Studies University of Sussex.
- ROWNTREE, B. Seebohm (1901). *Poverty: A Study of Town Life*. London, Macmillan and Co.
- SANGREMAN, Carlos (2003). *As políticas de ajustamento e o bem-estar das famílias na cidade de Bissau, na República da Guiné-Bissau, no período de 1986-2001*, Tese de Doutoramento em Estudos Africanos Interdisciplinares em Ciências Sociais, Lisboa, ISCTE.
- SEN, Amartya (1992). *Poverty and famines: an essay on entitlement and deprivation*, Oxford, Clarendon Press.



- SEN, Amartya (1999). *O Desenvolvimento como liberdade*, Lisboa, Gradiva Publicações.
- Sen (2008). "Women's Agency and Social Change", in *The development Reader*, Londres, Routledge.
- SILVA, Maria Regina (2010). "A situação das mulheres no mundo: que progressos no caminho da igualdade 15 anos depois da Plataforma de Acção de Pequim?" in *Revista de Estudos Demográficos* nº47,2010, Lisboa, INE.
- SYLLA, Momar (2002). *Avaliação da Pobreza na Guiné-Bissau*, Bissau, INEC.
- TOWNSEND, Peter (1993). *The international analysis of poverty*, London, Harvester Wheatsheaf.
- UNDP (1995). *Human Development Report 1995*, New York, Oxford University Press, United Nations Population Fund.
- UNDP (2006), *Rapport National sur le Developpement Humain en Guinée-Bissau 2006. Reformar les politiques pour atteindre les Objectifs du Millénaire pour le Développement en Guinée-Bissau – Document Synthèse*, Bissau, United Nations Development Program.
- VIEGAS, Maria (2002). *Microcrédito combate a pobreza*, in *Revista Dirigir* pp.26-30 nº 79/80.
- WIDE, (2009). *Microcredit an alternative for women's empowerment?*, Brussels, Women In Development Europe.
- World Bank (2001). *Engendering Development - Through Gender Equality in Rights, Resources, and Voice*, Washington, World Bank.
- World Bank (2011). *World Development Indicators*, Washington, Washington World Bank.
- World Bank (2012). *World Development Report 2012 - Gender Equality and Development*, Washington, World Bank.
- YUNUS, Muhammad (2002). *O Banqueiro dos Pobres*, Difel, Lisboa.

## **Anexos**

### **Anexo I - Resumo Projecto de Luta Contra a Pobreza através do Micro-crédito - Pitche e Pirada**

Projecto de Cooperação para o Desenvolvimento, financiado pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), promovido pelo ISU e pela DIVUTEC. Teve como objectivos globais:

- contribuir para a diminuição dos efeitos da pobreza nas comunidades que habitam nos sectores de Pitche e Pirada;
- apoiar as iniciativas locais de desenvolvimento económico;
- melhorar as condições de apoio ao desenvolvimento profissional e humano das mulheres e suas famílias;
- contribuir para o aumento do poder económico, de decisão e de participação da mulher ao nível da família e da comunidade.

Como objectivos específicos:

- apoiar a promoção do potencial económico das mulheres, através da introdução e desenvolvimento da prática de microcrédito;
- formar organizações de mulheres nas seguintes áreas: poupança, crédito, género e desenvolvimento, contabilidade básica e desenvolvimento pessoal;
- introduzir caixas locais de poupança e crédito, sob gestão das organizações de mulheres;
- conceder pequenos empréstimos a organizações de mulheres com o fim de poderem iniciar uma actividade económica lucrativa;
- promover a auto-responsabilização das mulheres para o desenvolvimento positivo dessa actividade económica;
- sensibilizar a comunidade local para a importância da prática do microcrédito.

Como resultados esperados:

- 25 acções de divulgação das práticas de microcrédito;
- 8 acções de formação nas seguintes áreas: poupança, crédito, género e desenvolvimento, contabilidade básica e desenvolvimento pessoal;
- elaboração de Manuais de Formação;
- concessão de microcrédito a 500 a 750 mulheres;
- capacitação de 500 a 750 mulheres na prática de organização de poupanças;
- correcta gestão das caixas locais de crédito e poupança por parte das organizações locais.

As actividades realizadas:

**- Acções de sensibilização da comunidade e autoridades para a prática do microcrédito**

Segundo o Relatório do Projecto, este é o 1º passo na metodologia do microcrédito, metodologia essa que foi aplicada ao PLCP. Trataram-se de reuniões com toda a comunidade, destacando os régulos e homens grandes<sup>26</sup>, devido à sua importância hierárquica, onde se apresentou o projecto, o microcrédito e sua metodologia e as organizações promotoras, de modo a sensibilizar as pessoas para a importância desta prática. Para a sensibilização e divulgação, foram também emitidos programas radiofónicos semanais, sobre o PLCP e microcrédito .

Nesta fase foram realizados os diagnósticos participativos nas tabancas dos dois sectores, de modo a que a comunidade definisse os seus micro-projectos (actividade geradora de rendimento), através de uma identificação colectiva e participativa. Este 2º passo da metodologia é importante, na medida em que, permite que os projectos potenciem a componente participativa do público-alvo. Estes dados do diagnóstico, são depois compilados pelos técnicos do

---

<sup>26</sup> Denominam-se de régulos as autoridades máximas e os homens grandes, os anciões das aldeias. Trata-se de entidades respeitadas e ouvidas pelas comunidades.

projecto e posteriormente são restituídos os resultados do mesmo à comunidade. Esta 3ª etapa da metodologia, permite confirmar juntamente do público-alvo se as informações ali contidas, correspondem às opções apresentadas na altura do diagnóstico, validando o mesmo e responsabilizando também as pessoas nas acções futuras. Os micro-projectos seleccionados pelas mulheres foram: criação de pequenos ruminantes – bois, cabras e carneiros, produção e venda de sabão, cultivo e revenda de amendoim, criação de aves de capoeira – galinhas e patos, horticultura, cultivo e revenda de caju, pequeno comércio e produção de óleo de palma.

#### **- Formação e capacitação dos animadores e das mulheres do projecto**

Foram ministradas três acções de formação distintas aos animadores: microcrédito, com temas como micro-finanças, sensibilização, diagnósticos participativos, restituição e micro-projectos; animação comunitária, numa perspectiva teórico-práctica e formação de formadores, que englobou também uma componente técnica de género e desenvolvimento, crédito, poupança, contabilidade básica, gestão de agrupamentos de base e desenvolvimento pessoal. Estas formações foram assumidas por formadores da DIVUTEC, do ISU e convidados externos. Dois animadores da organização local realizaram uma visita de estudo ao Senegal para aprendizagem da técnica de produção de sabão. Esta técnica é muito utilizada nas aldeias do sul do Senegal. Para servir de apoio ao trabalho dos animadores, nas formações que iriam por sua vez ministrar às mulheres, foram produzidos 5 manuais de formação em: poupança e crédito, género e desenvolvimento, gestão de organizações de base, desenvolvimento pessoal e diagnóstico participativo.

Foram ministrados seminários de formação para mulheres sobre poupança, crédito, gestão de actividades económicas lucrativas, género e desenvolvimento, contabilidade básica e desenvolvimento pessoal. Esta formação foi um momento importante de reforço dos agrupamentos de

mulheres, pois permite a componente de valorização pessoal e de grupo, espírito de união e trabalho colectivo para um objectivo comum.

#### **- Atribuição de microcrédito**

Após a restituição ao grupo-alvo, deu-se início ao processo de identificação e montagem dos micro-projectos, identificado no Relatório, como a 4ª fase da metodologia. Tal implica a elaboração de um contrato final, onde é disposta uma contextualização e justificação do micro-projecto. Posto isso foi atribuído o crédito, a 5ª fase da metodologia, dando início à implementação do micro-projecto.

#### **- Acompanhamento e monitorização das actividades económicas das mulheres**

O seguimento, trata-se também de uma actividade estratégica do projecto, evitando desta forma potenciais dificuldades que possam comprometer o projecto. Assim, os animadores realizam visitas de acompanhamento às mulheres e aos seus micro-projectos de modo a acompanhá-las e apoiá-las em caso de necessidade.

#### **- Seguimento dos reembolsos dos créditos**

Os reembolsos deram início após o período definido para cada micro-projecto, um período mais alargado para as actividades relacionadas com a agricultura, pois o micro-projecto neste caso depende da duração do ciclo da cultura plantada e um período menos alargado para as actividades relacionadas com o comércio. Os valores do reembolso também foram definidos consoante o micro-projecto, havendo sempre uma taxa de juro de 20%. Caso os reembolsos fossem realizados nos prazos estipulados, 10% desse juro seria depositado nas caixas de poupança e crédito dos agrupamentos de mulheres. As mulheres decidiram depois se esse valor ia ser utilizado para atribuição de novos microcréditos para novos agrupamentos ou para um segundo microcrédito aos mesmos agrupamentos.

## Anexo II – Quadro com a amostra

### Quadro com a amostra

Nº	Sexo	Profissão	Idade	Residência
1	Feminino	Comerciante (venda de produtos alimentares)	43 anos	Pirada
2	Feminino	Horticultora (campos de arroz e amendoim)	58 anos	Pirada
3	Feminino	Comerciante (venda de produtos alimentares)	42 anos	Pirada
4	Feminino	Horticultora (campos de arroz e amendoim)	65 anos	Pirada
5	Feminino	Agente de microcrédito na DIVUTEC em Pirada	26 anos	Pirada
6	Masculino	Animador	42 anos	Pirada
7	Feminino	Facilitadora Desenvolvimento Local (FDL) da DIVUTEC	37 anos	Pitche
8	Feminino	Horticultora e Comerciante	39 anos	Pitche
9	Feminino	Horticultora	60 anos	Pitche
10	Masculino	Produtor	70 anos	Pitche
11	Feminino	Horticultora e Comerciante	25 anos	Pitche
12	Feminino	Horticultora e Comerciante	45 anos	Pitche
13	Masculino	Horticultora e Comerciante	46 anos	Pitche
14	Masculino	Agente de Crédito da DIVUTEC	30 anos	Pitche

Fonte: Elaborado pela própria

## Anexo III – Guião de entrevista

### Guião de entrevista\*

1 - Microcrédito	2- Projecto de Luta Contra a Pobreza	3- Género no microcrédito
<p>- Como teve conhecimento do microcrédito?</p> <p>- O que é para si o microcrédito?</p>	<p>- Como funcionou o processo de atribuição de crédito neste projecto?</p> <p>- Qual foi o seu papel em todo este processo?</p> <p>- Sentiu que o seu papel foi importante neste processo? De que forma?</p> <p>- Ser mulher foi uma vantagem? De que forma?*</p> <p>- Que mudanças trouxe este projecto na sua vida?</p>	<p>- Qual a função da mulher no sistema de microcrédito?</p> <p>- Acha que os homens apoiam / não apoiam as mulheres no microcrédito? Como?</p> <p>- Acha que os homens interferem /não interferem nas atribuições de microcrédito? Como?</p> <p>- Acha que o microcrédito também deve ser entregue aos homens? Porquê?</p>

\* O mesmo guião foi aplicado às mulheres e aos homens

\*\* Questão colocada apenas às mulheres.

Fonte: Elaborado pela própria

## Anexo IV – Fotografias\*



1 - Agentes sociais e económicos - as mulheres



2 - Cartaz PLCP, em Pitche





**3 - Mulheres e homens - Pirada**



**4 - Tabanca em Pitche**

\* Fonte: As fotografias foram tiradas pela autora deste trabalho, durante o trabalho de campo na Guiné-Bissau.